

# A RELAÇÃO POÉTICA DE AUGUSTO DOS ANJOS COM A MÚSICA ALTERNATIVA BRASILEIRA, NAS FIGURAS DE CHICO SCIENCE, ROGÉRIO SKYLAB E TITÃS

Francisco Moreira Luna Neto\*

**RESUMO:** Este estudo pretende analisar na poética de Augusto dos Anjos, a linguagem e temáticas como a morte, patologia e a crítica social, promovendo um diálogo desses elementos com a música alternativa brasileira, nas figuras de Chico Science, Rogério Skylab e Titãs. Para o presente estudo, nos alicerçamos em Anjos (2003); Duarte (2000); Pragana (1983); Rosa (1978); Rosenfeld (1976); bem como no estudo de textos que abordem a temática aqui elencada, dos músicos Science (Manguetown), Titãs (o Pulso) e Skylab (o coveiro). Na primeira parte (base teórica), construímos o corpus teórico baseados em Pragana, Duarte, Rosa. De pragana discutimos a literatura do nordeste e sua relação com o social; de Rosa, a patologia social, de Duarte, a relação da filosofia de Schopenhauer e Augusto dos Anjos. Na segunda parte (discussão), analisamos os aspectos biográficos e estético-formais de Augusto dos Anjos, dos músicos Science, Skylab e Titãs, estabelecendo uma análise comparativa de suas poéticas no que concerne à relação dos elementos que nelas dialogam aproximando-as. Esperamos com a presente análise, discutir algumas temáticas exploradas por esses artistas e a relação destas com a poética do autor, resultando em uma proposta de ensino de literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Augusto dos Anjos; poética; música alternativa brasileira

**ABSTRACT:** *This study intends to analyze in Augusto dos anjos' poetics, the language and thematic like death, pathology and social critics, promoting a dialogue of these elements with Brazilian alternative music, represented by Rogerio Skylab, Titãs and chico science. For this current study we take reference in Anjos (2003), Duarte (2000), Pragana (1983), Rosa (1983), Rosenfeld (1976), as well In studies of texts that address the presented topic here, of the musicians Science (Manguetown), Titãs (o Pulso) e Skylab (o coveiro). In the first part (theoretical basis), we develop the theoretical corpus based on Pragana, Duarte, Rosa. From Pragana we'll discuss the literature of northeast and it's relation with the social, From*

---

\* Discente do curso de Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC - BA). Orientadora: Daniela Galdino. Título de Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS -BA)

*Rosa, the social Phatology, from Duarte the relationship between the philosophy of Schopenhauer and Augusto dos Anjos. In the second part (discussion), we'll analyze biographical aspects and aesthetic-formal of Augusto dos Anjos and also from the musicians Science, Skylab and Titãs. Establishing a comparative analysis of their poetics regarding to the relation of the elements present in them, which dialogue, approaching them. We hope with this analysis discuss some thematic explored here by these artists and the relationship of these ones with the author, resulting in a proposal for literature teaching.*

**KEYWORDS:** *Augusto dos Anjos; Poetic; Brazilian alternative music.*

### **Introdução**

A produção poética de Augusto dos Anjos é comumente tida como obra de caráter marcadamente patológico. Nela, a idéia do mórbido, do pútrido, das mazelas e de morte, permeia boa parte da crítica de estudiosos à sua obra, que, parece-nos, desconsidera o caráter crítico-social latente em sua produção. Em se tratando desse caráter, o autor explora a denúncia social e a realidade miserável do ser humano, advinda da destruição de seus sonhos e ideais.

A relevância do presente estudo está, num primeiro momento, na análise da poesia do paraibano Augusto dos Anjos que, com uma criação poética autêntica, cáustica e filosófico-patológica, rompe com certos paradigmas do aurático instituídas pelas academias, sobretudo no que diz respeito à abordagem de certas questões consideradas expúrias ao artificiosismo formal de se fazer poesia, como as mazelas da natureza humana.

Num segundo momento, esperamos que esse estudo possa contribuir para um repensar do ensino-aprendizagem de Literatura, na medida em que promove o encontro de dois universos tão entrelaçados, como os do poema cantado e do poema escrito, já que se apresentam, a nosso ver, como uma proposta de ensino interessante, na medida em que rompe com um paradigma metodológico centrado em autores canônicos em seus pedestais, corroborando para o distanciamento entre o aluno-leitor de textos literários um tanto maçantes e distantes da realidade dos discentes.

Daí acreditarmos que o encontro da poesia “marginal” de Augusto dos Anjos com a música alternativa de Science, Skylab e Titãs, possa tornar prazeroso e significativo o

ensino-aprendizagem de Literatura. Ressaltamos que esse estudo não passa de ecos, vozes do “dizer” do outro.

Em suma, entendemos que a música de alguma forma traz satisfação a quem está a ouvindo. Sendo assim, já que a música está intimamente ligada à poesia, pode ser usada, também, como mais um instrumento estimulador de leitura e do ensino de Literatura.

## **1- Base teórica**

Inicialmente e em respeito às origens do poeta Augusto dos Anjos, cumpre-nos tomar um pouco algumas discussões sobre a expressão social na Literatura na perspectiva da pesquisadora Pragana (1983), já que abordamos essa questão no corpus desse artigo.

Parafraseando a autora, quando nos reportamos aos “fundamentos sócio-econômicos” de uma literatura ou de uma arte regional ou nacional, podemos até admitir raízes sociais ou psicossociais complexas, fugindo um pouco da questão puramente econômica, ecologicamente social ou sócio-cultural.

No bojo dessas discussões, e em se tratando da personalidade e sociedade, podemos dizer que a personalidade se cria e se desenvolve através da convivência numa dada sociedade. Nesse quadro, os padrões comportamentais aprovados pelos demais membros do grupo é o que vai determinar a aceitação ou não do indivíduo nessa sociedade. O poeta Augusto dos Anjos não se encaixava nesse ambiente, onde as relações se baseavam, de certo modo, na troca, no interesse. Também não se encaixava sua poesia nos padrões determinados pelo cânone literário para se fazer poesia. Essas inquietações, esse desconcerto, ecoam, permeiam sua obra.

Em se tratando dessa não aceitação da poesia de Augusto dos Anjos pela elite leitora e pelas academias, não poderíamos deixar de fazer um breve comentário sobre uma das maiores expressões da poesia moderna, Charles Baudelaire, já que ele pode ser classificado (se é que é possível!) como o poeta que ditou os rumos da poesia moderna, revolucionando-a, sobretudo no conteúdo mais agressivo, na linguagem menos rebuscada, como a poesia de Augusto dos Anjos, dando origem ao que Drummond aqui no Brasil instaura com “A rosa do povo” de uma anti-poesia ou poesia marginal.

Baudelaire via poesia nas coisas consideradas feias ou antipoéticas, como o satanismo e certos traços da vida urbana: a sujeira, a miséria, a prostituição, os bêbados desocupados nas tavernas, etc. Além disso, rompeu com a psicologização do eu-lírico dos poemas na busca de uma abordagem mais impessoal, centrada na própria linguagem dos textos. E é nesse ponto de conteúdo e forma que encontramos uma proximidade da poesia de Augusto dos Anjos com a poética de Baudelaire.

Para que se possa falar de influência na poesia de Augusto dos Anjos, é preciso também trazermos à esta discussão Schopenhauer. Segundo Rosenfeld (1976), num ensaio intitulado *Influências Estéticas de Schopenhauer*, as teorias do filósofo alemão estão de tais maneiras entranhadas na cultura ocidental que se fundem com os hábitos de pensar e sentir de europeus e americanos. Se na história da construção de nossa literatura há alguma máxima, é a de que copiamos o que não pudemos criar. Daí as influências da cultura ocidental em grande parte de nossa produção.

Em Schopenhauer a dor e o sofrimento prevalecem no mundo porque resultam da vontade, que é, para ele, a essência do mundo, a verdadeira coisa em si. (...). Escravo de seu querer e, por isso mesmo, um ser que não é livre, o homem é a mais miserável de todas as criaturas.

Diversos estudos sobre o quanto havia de Augusto dos Anjos em sua poesia ou vice-versa, deu origem a inúmeras interpretações sobre o caráter triste, sombrio, mórbido e pessimista de seu fazer, bem como comparações com poetas que seguiam a mesma linha de produção do poeta Augusto dos Anjos.

Nesse caso, pode ser comparado com Mallarmé, pelas crises espirituais porque ambos passaram, na impotência de estabelecer relação entre o mundo visível e o invisível, a fim de atingir, através da sensação, a idéia pura das coisas. Com Leopardi, pelo sentido da dor universal, a filosofia da dor, que cultivava em sua sensibilidade. Com Antero do Quental, pela tortura do espírito e pela constância do tema da morte, desejada por um, temida pelo outro.

Também Poe (sobretudo nos contos e no poema “The raven-‘o corvo’”, sobre o qual ele faz alusão no poema “O morcego); Rimbaud (na poesia), Euclides da Cunha na prosa, também ficaram sem seguidores por não terem caído no gosto da crítica literária. O próprio

Augusto dos Anjos tinha consciência de que ia ficar sozinho e que era o poeta do hediondo. Foi exatamente com esse título — Poeta do Hediondo — que ele, num dos seus últimos sonetos, deu resposta por antecipação aos seus futuros críticos.

## **2- Discussão: O entrelaçar da arte poética de Augusto dos Anjos com a música alternativa brasileira**

Trazendo essas discussões para o universo da música alternativa brasileira, percebemos as mesmas contradições estéticas e formais que ecoam na poesia de Augusto dos Anjos, na medida em que esse estilo musical fere aquilo que é considerado como “boa música”, pelo *Jet set* dos críticos da arte musical. Nesse entendimento, pode-se perceber que a crítica sofrida pela música alternativa é parecidíssima com àquela que execrava o poeta Augusto dos Anjos.

Desse pequeno universo da música alternativa brasileira, nos detivemos em Chico Science, Rogério Skylab e Titãs por percebermos uma relação das músicas deles com temáticas (já citadas no corpus do artigo) exploradas por Augusto dos Anjos em sua poesia.

Antes de iniciarmos a análise comparativa entre a poesia cantada de Science e a poesia escrita de Augusto dos Anjos, convém chamar à atenção para uma possível proposta para o ensino de Literatura, se considerarmos que é possível criar estratégias para o ensino de Literatura, na medida em que se busca o diálogo da arte poética em suas diversas manifestações, mas e, sobretudo no da poesia desconcertante de Augusto dos Anjos com a música alternativa brasileira, com o intuito de unirmos a atemporalidade de temáticas na visão do nosso poeta, com a de músicos da atualidade.

O educando pós-moderno, impelido pelo caleidoscópico mundo da informação, se encontra diante de um processo de transição nas diversas esferas sociais e artísticas, especialmente no que concerne ao caráter inovador de forma e conteúdo em poesias marginais (Gullar, Leminski, Cácaso, entre outros) e música alternativa (Skylab, Science, Titãs, entre outros). Pelo exposto, é preciso que a práxis docente considere essa perspectiva de ensino se quiser alunos mais interessados e se o ensino-aprendizagem for ressignificado.

Voltando para a análise comparativa, trazemos um pouco da biografia de Francisco de Assis França, mais conhecido pela alcunha de Chico Science. O cantor nasceu em Olinda, no dia 13 de Março de 1966 e morreu em Recife no dia 02 de fevereiro de 1997. Cantor e compositor recifense e um dos principais colaboradores do movimento Manguebeat ( movimento musical que surgiu em Recife na década de 90 e mistura ritmos regionais com rock, hip hop, maracatu e música eletrônica) em meados da década de 90 foi líder da banda Chico Science e Nação Zumbi e deixou dois discos gravados: Da Lama ao Caos e Afrociberdelia, tendo sua carreira precocemente interrompida por um acidente de carro.

A fusão com os ritmos nordestinos, principalmente o maracatu, veio em 1991, quando Science entrou em contato com o bloco afro Lamento Negro de Peixinhos , subúrbio de Olinda. Assim, misturou o ritmo da percussão com o som de sua antiga banda e formou o Nação Zumbi.

Escolhemos para essa análise, fragmentos da música *Manguetown*, de Science e do poema *Monólogo de uma sombra*, de Augusto dos Anjos numa intersecção com a denúncia social de ambas as obras.

### Manguetown

Tô enfiado na lama  
É um bairro sujo  
Onde os urubus têm casas  
Mas estou aqui em minha casa  
Onde os urubus têm asas  
Vou pintando, segurando a parede  
No mangue do meu quintal, manguetown  
Andando por entre os becos  
Andando em coletivos  
Ninguém foge ao cheiro sujo  
Da lama da manguetown  
Andando por entre os becos  
Andando em coletivos  
Ninguém foge à vida suja  
Dos dias da manguetown  
[...]

### Monólogo de uma sombra

Sou uma Sombra! Venho de outras eras,  
Do cosmopolitismo das moneras...  
Pólipo de recônditas reentrâncias,  
Larva de caos telúrico, procedo  
Da escuridão do cósmico segredo,  
Da substância de todas as substâncias!  
A simbiose das coisas me equilibra.  
[...]  
Com um pouco de saliva cotidiana  
Mostro meu nojo à Natureza Humana.  
A podridão me serve de Evangelho...  
Amo o esterco, os resíduos ruins dos  
quiosques  
E o animal inferior que urra nos bosques  
E com certeza meu irmão mais velho!

A música, enquanto expressão da arte também pode significar um clamor social. Isto ocorre quando a sociedade insatisfeita com as mazelas da vida cotidiana, “pede socorro” para ver se suas reivindicações são ouvidas. De maneira peculiar e bastante realista, a música serve como instrumento carregado de metáforas para expressar esses descontentamentos.

Em Manguetown, a denúncia social das condições subhumanas de sobrevivência aliadas à insatisfação e o descontentamento com o sistema e seus aparelhos sociais são bem latentes. A insatisfação do poeta se expressa de maneira escancarada. A lama nos remete à sujeira política, econômica e social do país. O título da música, *Manguetown*, faz alusão a um elemento de extrema importância para a economia local (o mangue).

O mangue possivelmente é visto por muitos como algo imundo, sujo, repugnante, já que representa a classe infame da sociedade que vive dos crustáceos, sobretudo caranguejos. Manguetown parece-nos uma analogia à sociedade podre em que Science se inscreve. O uso do estrangeirismo (town-cidade) é irônico na medida em que sugere um discurso depreciativo do que se esconde sobre a camada pomposa e decadente da cidade do Recife. A bela, mas decadente e injusta Recife.

Em *monólogo de uma sombra*, a crítica velada de Augusto dos Anjos à sociedade hipócrita, ainda patriarcalista e pseudoburguesa em que vive é bastante expressiva, sobretudo

quando ele diz nos seguintes versos: Com um pouco de saliva quotidiana/ Mostro meu nojo á Natureza Humana.

O primeiro verso permite-nos depreender que ele escarnece com profundo desprezo a hipocrisia do meio social em franca decadência em que vive. Franca decadência porque a cana de açúcar já não conseguia alimentar o luxo e o ócio dos donos de engenho. Sua família era uma das representantes dessa sociedade.

No segundo, as mazelas e fraquezas humanas são realmente mostradas por ele em suas poesias, talvez o único veículo onde pudesse expressar, com liberdade, suas inquietações e insatisfações. Eis um dos elos que ligam duas gerações que revolucionaram a arte e a cultura brasileiras: A crítica social através da arte musical e literária.

Outra temática bem presente na poesia de Augusto dos Anjos é a da morte. Rogério Skylab também explora essa temática. Para discutir esse ponto de intersecção entre ambas as obras, escolhemos de Skylab a música *O coveiro* e de Augusto dos Anjos, *Versos a um coveiro*.

Cumpramos, no entanto, apresentar certos aspectos da obra de Rogério Skylab. Num primeiro momento, trataremos de um aspecto interessante de sua música como o uso da escatologia (ou arte escatológica), temática que gira em torno da exploração de elementos orgânicos como carne vermelha, sangue, excreções, vômito; daí o caráter inovador e polêmico dessa estética do grotesco, do *trash*.

Integrante da banda Punk dos anos 80, *Setembro Negro*, hoje faz carreira solo e não participa do *cast* de nenhuma gravadora. Porém, cabe ressaltar que a mídia o trata como artista bizarro, mas ele se defende atacando unanimidades criadas por ela mesma, “espinafrando” as novas bandas de rock que, segundo ele, se vendem ao mercado fonográfico em busca de sucesso, perdendo identidade, ideologias e fugindo do caráter de denúncia que a música alternativa brasileira também se reveste. Para ele, esta talvez seja a grande mácula que as sucessivas gerações do mundo “pós-caras”, recebem como legado.

#### **O Coveiro**

O coveiro que trabalha  
Na minha cidade natal,  
Um dia vai me enterrar.  
Assim como já enterrou  
Minha mãe, meu pai, meu avô,

#### **Versos a um coveiro**

Nenhuma falta me faz.  
Ô coveiro, por favor,  
Diz como se faz  
Uma cova ideal.  
Que eu também quero enterrar  
O que ficou para traz  
E depois dizer “nunca mais”  
Numerar sepulturas e carneiros,  
Reduzir carnes podres a algarismos,

Tal é, sem complicados silogismos,  
A aritmética hedionda dos coveiros!

Oh! Pitágoras da última aritmética,  
Continua a contar na paz ascética  
Dos tábidos carneiros sepulcrais

Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,  
Porque, infinita como os próprios números,  
A tua conta não acaba mais

O poema de Augusto dos Anjos, *Versos a um coveiro*, é perpassado por expressões do campo semântico da matemática, tais como algarismos; silogismos; aritmética; progressão dos números inteiros; Pitágoras; e da Biologia: Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros.

O emprego de termos técnicos propõe um quê de racionalidade à morte, tratada como realidade objetiva, quantificável, sem mistificação. Essa perspectiva contrasta de certa forma, com o sentimentalismo e subjetivismo da tradição romântica, que idealiza a morte como evento transcendental.

Já na música: “O coveiro” de Skylab, atentamos para o fato de que ele faz alusão ao poema “The raven”, em português “O corvo” do contista, crítico literário e poeta americano Edgard Allan Poe, sobretudo no último verso, *E depois de dizer nunca mais*, que no poema de Poe em Inglês significa *nevermore*. Augusto dos Anjos faz o mesmo na poesia “O morcego”, onde ele nos permite essa leitura do poema “O corvo” de Poe nos dois últimos versos: “[...] *por mais que agente faça, à noite, ele entra imperceptivelmente em nosso quarto [...]*. (Anjos: 29)

No entanto, nos deteremos na questão da morte, elemento que une a poética de Augusto dos Anjos à música alternativa de Skylab. Em Augusto, a morte é vista pelo homem como algo aterrador e sóbrio, como perda, separação, destruição. Essa idéia de morte e finitude causam horror ao ser que anseia o eterno. Em Skylab, é vista na perspectiva da atividade do coveiro como algo natural, lógico, matemático, corriqueiro e comum.

A morte é companheira inseparável do seu labor, sendo assim, não tem mistérios, temores e angústias. O coveiro lembra-nos o nosso poeta, cuja convivência com a morte, matéria prima de seu poetar já não a teme. Ora dela escarnece, mas anseia; ora evoca, clama pela sua nefasta presença.

Por sua vez, a música de Skylab *O coveiro*, mostra o papel do coveiro numa perspectiva mais jocosa, banal. O coveiro é aquele sujeito que o homem odeia porque tira-lhe

tudo o que é precioso, como a família, por exemplo, por ser servo da morte. É ela que lhe garante a sobrevivência, é sua benfeitora.

O poeta sabe que um dia a morte irá levá-lo, que o coveiro irá enterrá-lo, mas o que deseja mesmo é que suas dores sejam largadas nas profundezas do esquecimento da cova, na morte. Não ele, só seus infortúnios, seu inferno astral.

O coveiro é apenas aquele cara mal que tira a alegria de todo mundo. A morte é algo que ele quer bem distante. O elo que une a poética de Augusto com a música alternativa de Skylab é o gosto pelo desprezível, pelo sombrio, pelo macabro nas figuras da morte e do seu fiel escudeiro, o coveiro.

Já na relação poética de Augusto dos Anjos com os Titãs, destacamos a patologia, elo com o qual comungam o mesmo universo: das mazelas corpo/alma/sociedade. Em outubro de 1989, os Titãs lançaram seu disco mais sofisticado até então. "Õ Blesq Blom" reunia a simplicidade dos repentistas Mauro e Quitéria, descobertos pelo grupo na Praia da Boa Viagem, à modernidade das parafernalias eletrônicas de estúdio. Foi da dupla nordestina que os Titãs tiraram o nome do LP que transformou em hits músicas como "Flores", "Miséria" e "O Pulso". Com o clipe de "Flores", a banda ganhou ainda um prêmio inédito no país: o MTV Video Music Awards, quando a emissora ainda não tinha sua filial brasileira.

E é desse disco que retiramos a música "O pulso" com o intuito de fazermos um diálogo entre a música alternativa brasileira dos Titãs com a poesia de Augusto dos Anjos, através da exploração de patologias (doenças), como na música o "Pulso" e no poema "Monólogo de uma sombra".

### **O Pulso**

O pulso ainda pulsa  
O pulso ainda pulsa  
Peste bubônica câncer pneumonia  
Raiva, rubéola, tuberculose, anemia  
Rancor, cisticercose, caxumba, difteria  
Encefalite, faringite, gripe, leucemia  
O pulso ainda pulsa

O pulso ainda pulsa  
Hepatite escarlatina estupidez, paralisia  
Toxoplasmose, sarampo, esquizofrenia  
Úlcera, trombose, coqueluche, hipocondria  
Sífilis, ciúmes, asma, cleptomania  
O corpo ainda é pouco  
O corpo ainda é pouco  
Reumatismo, raquitismo, cistite, disritmia  
Hérnia, pediculose, tétano, hipocrisia  
Brucelose, febre, tifoide, arteriosclerose, miopia  
Catapora, culpa, carie, câimbra, lepra afasia  
O pulso ainda pulsa  
O pulso ainda pulso

### Monólogo de uma sombra

Aí vem sujo, a coçar chagas plebéias,  
Trazendo no deserto das idéias  
O desespero endêmico do inferno,  
Com a cara hirta, tatuada de fuligens  
Esse mineiro doido das origens,  
Que se chama o Filósofo Moderno!

E não de achá-lo, amanhã, bestas agrestes,  
Sobre a esteira sarcófaga das pestes  
A mosstrar, já nos últimos momentos,  
Como quem se submete a uma charqueada,  
Ao clarão tropical da luz danada,  
O espólio dos seus dedos peçonhentos.

Será calor, causa ubíqua de gozo,  
Raios X, magnetismo misterioso,

Quimiotaxia, ondulação aérea,  
Fonte de repulsões e de prazeres,  
Sonoridade potencial dos seres,  
Estrangulada dentro da matéria!

E o que ele foi: clavículas, abdômen,  
O coração, a boca, em síntese, o Homem,  
-- Engrenagem de vísceras vulgares --  
Os dedos carregados de peçonha,  
Tudo coube na lógica medonha  
Dos apodrecimentos musculares.  
A desarrumação dos intestinos  
Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos  
Dentro daquela massa que o húmus come,  
Numa glutoneria hedionda, brincam,  
Como as cadelas que as dentuças trincam  
No espasmo fisiológico da fome

O diálogo entre o poema e a música ecoa as mazelas humanas, mas numa conotação diferente. Pulso parece-nos uma crítica à falta de políticas públicas em saúde. A música seria uma forma de protestar contra o sistema político-social no qual se inscrevem.

Quando o poeta/cantor repete o refrão *o pulso ainda pulsa*, considera que apesar de todas as desgraças patológicas, ainda há vida, esperança para o desgraçado e suas mazelas existenciais. Essa percepção nos é dada pelo momento histórico, político, econômico e social em que a música/poema vivenciava.

A crise nas diversas instâncias sociais, especialmente nas áreas de saúde, educação e segurança, inquietava, sobremodo, a sociedade engajada desse momento histórico e atinge a arte e seus desdobramentos; música, teatro, dança, etc, de maneira tão contundente, que é impraticável não se perceber o que estava (está) acontecendo na sociedade brasileira. Daí acreditarmos que o pulso seja uma resposta ao caos social em que se encontra a nação.

Por outro lado, dada a idiosincrasia do grupo, é possível que eles apenas quisessem, com a irreverência que lhes era (é) peculiar, constranger o público mais afetado da nação. Uma música-protesto, rica na forma, mas possivelmente pobre no conteúdo. O rock já era visto como música marginal e ainda um querer espelhar-se em Augusto dos Anjos, era (é) o fim.

É nessa perspectiva que percebemos o encontro da música dos Titãs “O pulso” com a poesia de Augusto dos Anjos, *Monólogo de uma sombra*.

Em assim sendo, podemos depreender que a poesia de Augusto dos Anjos era considerada marginal pela sociedade dado o caráter ferino e realístico do mundo em que vivia

e de suas gentes, dada a transgressão ao conceito de belo da crítica, ainda impregnada pelo simbolismo e romantismo. Mas ainda assim consegue a proeza de inquietar e redimensionar, mesmo anos mais tarde, o modo como se via forma e conteúdo na poesia pós-moderna. Pode-se dizer que a anti-poesia começa, aqui no Brasil, com a poética de Augusto dos Anjos.

Nesse caso, assim como esse poeta possivelmente inaugura uma nova perspectiva de poesia, o grupo Titãs introduz, também, uma nova forma de se fazer música, lançando ou firmando as bases da música alternativa brasileira antes de se tornarem importantes para o mercado fonográfico e para a juventude *teen*. Sorte que não alcançou o nosso singular poeta Augusto dos Anjos. Nosso Baudelaire brasileiro.

### 3 – Considerações finais

Percorrer o universo literário de Augusto dos Anjos é para nós um exercício de transmutação do conceito de poético ensinado nas escolas. É, também, um repensar do estético-formal como elemento vivo, dinâmico, flexível, não algo milimetrado, coercitivo, limitado. Algo que pede transgressão e alguém com coragem suficiente para fazê-lo. E essa coragem nós encontramos em Augusto dos Anjos.

Tratar da poesia e do poeta Augusto dos Anjos, assim como buscar uma intersecção entre sua poética e a música alternativa brasileira de Chico Science, Rogério Skylab e Titãs se constituíram o escopo do nosso trabalho.

No entanto, esperamos que esse estudo possa promover inquietações não só no plano literário, mas no educacional também, na medida em que ressignifique o ensino de Literatura, dialogando perspectivas da artes tão distantes no tempo e na perspectiva da arte literária, como é o caso da música alternativa brasileira e a poesia de Augusto dos Anjos, como bem colocamos na introdução deste artigo.

Assim sendo, acreditamos que o trabalho acadêmico não se resume apenas no cumprimento de uma disciplina, mas no poder que tem de transformar, positivamente, a realidade circundante dos sujeitos sociais que inserimos em sociedade. É nisso que acreditamos.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. **Obra Completa**: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Biblioteca Luso-brasileira. série brasileira).

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo, SP: 40. ed. Cultrix, 1994

DURANT, Will. **A História da Filosofia**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores).

DUARTE NETO, Henrique. **As cosmovisões pessimistas de Schopenhauer e Augusto dos Anjos**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

KLEE, Paul. **Diários**. São Paulo: Martins Fontes, 1990

PRAGANA, M. E. C. Literatura do nordeste: **Em torno de sua expressão social**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, Editora S/A, 1983

ROSA, F. H. de M. Patologia social. **Uma introdução ao estudo da desorganização social**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1978

ROSENFELD, Anatol. **Texto/Contexto**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1976 (Coleção Debate)